

Empresa vai empregar 258 em Ibiracú

A Fiesa será a primeira indústria capixaba de produção de fios de algodão.

A fabricação começa em janeiro

A Fiação Espírito Santo (Fiesa), empresa do setor têxtil que está sendo instalada em Ibiracú, começará a produzir fios de algodão a partir de janeiro do próximo ano e na sua primeira fase vai empregar 258 trabalhadores, além das outras 800 vagas indiretas que vai gerar.

As obras para conclusão do prédio onde funcionará a Fiesa – uma das empresas do Grupo Empresarial Polido, que também controla a Poltex, na Serra – deverão ser concluídas rapidamente, segundo um de seus diretores, já que o Banco de Desenvolvimento do Estado (Bandes) aprovou na última sexta-feira um empréstimo de R\$ 10 milhões para investimentos na fábrica.

“Trata-se do maior financiamento da história do Grupo Executivo para Recuperação do Espírito Santo (Geres). Agora, poderemos tocar a obra a todo vapor, já que a estrutura metálica já está pronta e os equipamentos e maquinários todos adquiridos”, explicou o executivo da Fiesa.

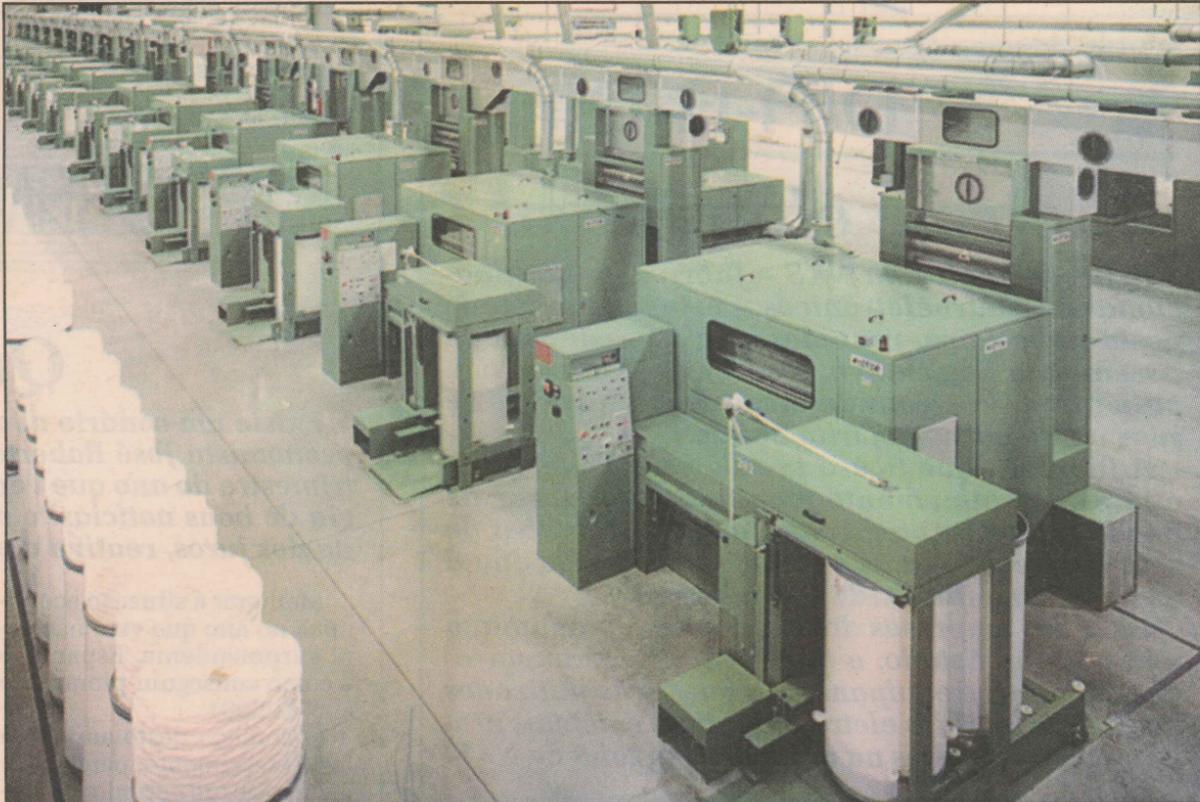
A empresa será a primeira

indústria capixaba de produção de fios de algodão e terá a capacidade, na primeira fase de implantação, de produzir 520 mil quilos de fios de algodão por mês, tornando o Estado exportador desse tipo de matéria-prima.

Além disso, a instalação da Fiesa vai proporcionar a retomada no Estado da plantação de algodão, cultura que possui quatro safras no ano e será uma forma alternativa para o produtor rural de vários municípios capixabas obterem mais uma fonte de renda.

O Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) já está trabalhando em vários municípios para identificar áreas com potencial para o plantio do algodão, já que serão necessários 11 mil hectares para atender à demanda que será gerada com a inauguração da Fiesa.

A Secretaria de Estado da Agricultura está estudando também a possibilidade de solicitar ao Bandes a criação de uma linha específica para financiar a cultura do algodão, que deverá proporcionar cerca de 10 mil empregos.



A fábrica vai produzir 520 mil quilos de algodão por mês na fase inicial de operação

Sindimecânica. O início de uma nova fase.

O Sindimecânica ganhou uma nova força. No último dia 27 de setembro, tomou posse no Conselho de Representantes da Findes e na vice-presidência do Sindicato da Indústria Mecânica, Joaquim Martino, diretor da Companhia Vale do Rio Doce no Espírito Santo. A constituição de uma nova diretoria marca o início de um ciclo de fortalecimento das indústrias do Estado no cenário nacional.



Joaquim Martino recebe os cumprimentos de Fernando Antonio Vaz, presidente da Findes.



Fabricantes investem em peças nacionais

RIO – Enquanto o governo prepara seu pacote de incentivos à substituição de importações, as filiais brasileiras de fabricantes mundiais de eletroeletrônicos e de equipamentos de telecomunicações já investem em programas para acelerar o grau de nacionalização de seus produtos.

Em julho, a filial da alemã Siemens em Curitiba montou uma exposição para fabricantes nacionais de componentes de equipamentos de telefonia. A idéia era fazer com que 476 componentes importados usados nas centrais telefônicas que a empresa fabrica no Brasil pudessem ser produzidos aqui.

“Em menos de três meses, 26 dos componentes já foram aprovados para serem produzidos nacionalmente e alguns já estão sendo fornecidos, com uma economia de mais de US\$ 1 milhão”, diz o consultor de eletrônica da Siemens, Ernani Brune,

lembrando que a meta é chegar a novembro com 25% dos 476 itens produzidos aqui.

No setor de televisores, a Philips e a Samsung estão produzindo tubos para aparelhos de 29 polegadas. Com isso, 100% desses modelos terão tubos nacionais, que respondem por quase 50% dos custos.

“Existe em todo o setor um esforço muito grande de nacionalização de componentes”, diz o presidente da Semp Toshiba, Sérgio Loeb. Na opinião do vice-presidente para a América Latina do Yankee Group, Dário Dal Piaz, a criação de incentivos fiscais e tributários e de linhas especiais de crédito são indispensáveis para que a substituição de importações prospere:

“Com a abertura do mercado e as privatizações, o Brasil tornou-se um grande montador de equipamentos, o que é um importante passo”, diz.